

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 31, p. 1-9, jan.-dez. 2024 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.45655</p>	

SEÇÃO: JORNALISMO

Jornalismo ativista e ideologia irracionalista no capitalismo comunicativo: elementos para um debate marxista

Activist journalism and irrationalist ideology in communicative capitalism: elements for a marxist discussion

Periodismo activista e ideología irracionalista en el capitalismo comunicativo: elementos para un debate marxista

Rafael Bellan Rodrigues de Souza¹

orcid.org/0000-0003-0165-2927
rafaelbellan@yahoo.com.br

Recebido em: 18 jan. 2024.

Aprovado em: 27 jun. 2024.

Publicado em: 13 set. 2024.

Resumo: Difunde-se amplamente no Brasil um jornalismo ativista voltado para a reflexividade e a subjetividade, exaltando as diferenças e as identidades. Este artigo visa questionar criticamente os pressupostos que sustentam essa perspectiva, identificando nela traços de uma ideologia irracionalista. Percebe-se que a aceitação da imediatividade, a supressão da dialética aparência/essência, a recusa da categoria de totalidade no plano filosófico e teórico, e a semiologização da realidade social são parte do caldo epistemológico que motiva grandes setores desse pensamento subjetivista do jornalismo. Além disso, os resultados apontam que há uma proximidade, mais ou menos reconhecida, com o capitalismo comunicativo.

Palavras-chave: jornalismo; irracionalismo; ativismo; marxismo; capital.

Abstract: Activist journalism focused on reflexivity and subjectivity is widely disseminated in Brazil, exalting differences and identities. This article aims to critically question the assumptions that anchor this perspective, identifying in it traces of an irrationalist ideology. It is clear that acceptance of immediacy, suppression of the appearance/essence dialectic, refusal of the category of totality on a philosophical and theoretical level and semi-ologization of social reality are part of the epistemological broth that motivates large sectors of this subjectivist thinking in journalism. Furthermore, the results indicate that there is a complicity, more or less recognized, with communicative capitalism.

Keywords: journalism; irrationalism; activism; Marxism; capital.

Resumen: El periodismo activista centrado en la reflexividad y la subjetividad está ampliamente difundido en Brasil, exaltando las diferencias y las identidades. Este artículo tiene como objetivo cuestionar criticamente los supuestos que anclan esta perspectiva, identificando en ella rastros de una ideología irracionalista. Es claro que la aceptación de la inmediatez, la supresión de la dialéctica apariencia/esencia, el rechazo de la categoría de totalidad a nivel filosófico y teórico y la semiologización de la realidad social son parte del caldo epistemológico que motiva a amplios sectores de este pensamiento subjetivista en periodismo. Además, los resultados indican que existe una complicidad, más o menos reconocida, con el capitalismo comunicativo.

Palabras clave: periodismo; irracionalismo; activismo; Marxismo; capital.

Introdução

O Brasil e o mundo atravessam nos últimos anos a turbulência de uma crise de dimensões avassaladoras. Estagnação econômica,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES, Brasil.

desemprego estrutural, desigualdades sociais abissais, favelização, precarização laboral, falta de controle democrático sobre as instituições, saturação informacional, mudanças climáticas, segregação racial, pandemias, negacionismos, genocídios contra povos originários, barbárie social, alienação global, entre outras mazelas, que efetivamente colocam a vida da humanidade e do planeta em xeque.

É uma era de expectativas frustradas, de catástrofe, em que as soluções políticas de gestão da massa falida de um sistema de produção e reprodução social extremamente incivilizatórias são reeditadas e parecem ser a única saída de emergência possível para tentar adiar o aviso de incêndio que insiste em soar.

Uma realidade que parece evidenciar fenomenicamente aquilo que Mészáros (2002) caracterizou como crise estrutural do capital, uma síntese teórica nada otimista, pois apresenta os condicionantes do maior desafio às formas de vida existentes no globo. Intensificam-se as contradições perigosas mapeadas por Harvey (2016) e a perda de sentido sobre as possibilidades futuras difunde-se nos imaginários políticos destituídos de utopia.

Para as formas de conhecimento, tal conjuntura se impõe, trazendo o questionamento sobre como o jornalismo, enquanto campo de conhecimento e práxis, pode ser uma ferramenta ainda válida em um universo cada vez mais desumanizado. Em tal período de crise, na esteira da leitura de Pinassi (2009), há uma perversa proximidade entre incontabilidade do capital, em sua lógica destrutiva sem barreiras, e a barbarização da vida intelectual humana, cada vez mais tomada pelo irracionalismo.

Essa ideologia, que será apresentada com mais detalhes neste artigo, tem se espalhado pelas iniciativas jornalísticas ativistas, autointituladas como críticas e alternativas, mas que comungam com o ideário irracionalista pseudossoluções que invisibilizam as engrenagens do capital – enquanto realizam o enaltecimento das múltiplas subjetividades. Muitos empreendimentos jornalísticos foram ganhando espaço nos últimos anos,

por iniciativa de jornalistas que se autodeclararam independentes, sendo que grande parte desses veículos se coloca como questionador do jornalismo convencional, da objetividade e declaram abraçar o ativismo e suas subjetividades para combater o cânone noticioso. Aglutinados na Associação de Jornalismo Digital (Apor – com 152 associados), essas iniciativas declaram buscar a renovação do jornalismo norteadas pela defesa de um jornalismo combativo, subjetivo, direcionado pelos mantras do empreendedorismo e, também, pela fraseologia da diversidade e do pluralismo multicultural.

Embora se apresente como parte do campo progressista, percebe-se que esse mosaico de parcialidades subjetivas tem crescido como mercadoria simbólica, mas também tem inspirado certa hegemonia acadêmica alicerçada em uma epistemologia fenomenológica (Ianni, 2003). Difunde-se amplamente no Brasil, como resistência e luta, mas também no campo teórico, a busca de um jornalismo de combate (Moraes, 2022), voltado para a reflexividade e para a subjetividade, exaltando as diferenças e as identidades. No entanto, estaria ele à altura do tipo de *práxis* noticiosa que necessitamos?

Neste texto, resultante de pesquisa teórica e bibliográfica de abordagem dialética, buscaremos tensionar a ideologia irracionalista presente em grande parte do debate sobre o jornalismo ativista, ao mesmo tempo em que pretendemos demonstrar a vitalidade do materialismo histórico para uma compreensão concreta dos temas que direcionam essa produção noticiosa orientada por pressupostos ideológicos de enfrentamento.

Pessimismo irracionalista

A maior dificuldade em realizar a crítica de obras teóricas adeptas da centralidade ontológica da experiência imediata está na ausência de rigor e na consagração do ecletismo teórico presente nesses estudos. As teorizações se mostram encantadas com a diferença e com a possibilidade de delinear um lugar de fala que garanta um "excludente" prévio de críticas, com uma blindagem sobre as próprias reflexões. Há um êxtase muito

próximo das lacrações do capitalismo comunicativo (Dean, 2022). Passeia-se entre teóricos que são deslocados de suas raízes teóricas e políticas e, lado a lado, eles vão recheando as afirmações categoriais com contradições. Achatam-se as diferenças e tal bricolagem, muito distante de articular de forma densa uma nova perspectiva teórica, exercita uma multirreferencialidade solta no ar rarefeito de ideias sem base social.

O marxismo de Lukács (2012), para uma de suas intérpretes, critica "o saber imediato, a intuição como acesso direto ao conhecimento e o sentimento como base insegura para a apreensão da realidade, na medida em que tais elementos leva à arbitrariedade e permitem o relativismo" (Albinati, 2021, p. 454). Lukács (2020) insiste que o pessimismo irracionalista corroe a convicção e que existe um mundo objetivo exterior à mente humana e de que o conhecimento profundo da realidade pode apontar saídas para os problemas que geram o desespero atual, ou melhor, a perda de sentido generalizada pelo modo de produção capitalista. "O conhecimento do mundo, assim, converteu-se cada vez mais numa – sempre maior arbitrária – interpretação do mundo" (2020, p. 79).

Para o jornalismo enquanto modalidade social de conhecimento (Genro Filho, 2012), isso significa o abandono da análise dialética das determinações de relações concretas, mas também a desistência em realizar a cartografia do presente. O escrutínio concreto da realidade social por parte do jornalismo poderia auxiliar o lado dos trabalhadores na luta de classes. Sem essa tarefa, como traçar os passos da mudança social?

Segundo Holz (2021), mesmo em contextos mutáveis, há pelo menos três elementos contantes no irracionalismo. O primeiro seria a separação forçada entre os fenômenos sociais e sua base material e econômica; o segundo momento seria a subjetivação da história e a remoção radical de qualquer princípio de legalidade em sua trajetória; o terceiro elemento trataria da criação de mitos, consagrando a intuição como instrumento de conhecimento. Como aponta Bellamy Foster (2023), o irracionalismo coloca como seu principal objetivo retirar da classe trabalhadora a crítica

racional, posicionando em seu lugar o instinto, o mito, alçando nas mentalidades dos oprimidos uma visão pessimista de que não há alternativas ao sistema do capital.

A ideologia que move parte desse debate subjetivista no jornalismo ativista outorga qualidade ontológica a um momento histórico determinado do capitalismo. Cannalonga (2022) aponta que há a constituição de uma ontologia empírica como base contemporânea da jornada burguesa, e ela se caracteriza a partir da

[...] hipostasiação da estrutura da experiência sensorial subjetiva, isto é, concebe a estruturação e o encadeamento da realidade efetiva, entes e processos objetivos como idêntica ao modo em que estes se refletem, como fenômenos, na consciência empírica dos sujeitos (2022, p. 65).

A experiência imediata dos sujeitos sociais tem crescido como atestado de validação jornalística, em virada apontada como ativista. Irracionalista, a vertente de jornalismo ativista de verve subjetivista, acaba abandonando a possibilidade de exploração das determinações objetivas que produzem a história e condicionam a sociedade contemporânea. Assim, os elementos que estruturam o próprio mundo que será "sentido", "experenciado" subjetivamente, passam a ser ignorados e tornam-se desconhecidos. A dialética aparência/essência é desmontada, em benefício da superfície. Há a apologia dos afetos, emoções e outros sentimentos, que ficam congelados ontologicamente no plano imediato de suas causalidades fenomênicas e emergenciais.

Aceitação da imediatividade, supressão da dialética aparência/essência, recusa da categoria de totalidade no plano filosófico e teórico e semiologização da realidade social ("tudo é discurso") são parte do caldo epistemológico que motiva grandes setores desse pensamento subjetivista do jornalismo. Segundo Netto (2010), essas características são típicas do irracionalismo contemporâneo. O ecletismo teórico torna-se o cânone e a pluralidade metodológica é vista como rebeldia, transgressão, revanche contra a razão moderna colonial. Mas ao creditar à razão a culpa pelas mazelas da sociedade atual, "o

que fica na sombra é a ordem do capital, com a dominação de classe da burguesia" (Netto, 2010, p. 263).

Assim, com cada vez menos compromisso com uma verdade objetiva, assume-se que o relativismo é mais respeitoso e dialógico, suprimindo a verificação concreta da essência por traz dos fenômenos, que sempre são investigados como um artefato discursivo.

Na definição do irracionalismo está presente não apenas um rebaixamento da capacidade da razão, mas a recusa da razão dialética, o aprisionamento ao entendimento e ao enrijecimento que cancela as possibilidades superadoras dos problemas sociais, agora assumidos como condição humano-social (Albinati, 2021, p. 454).

Coutinho (2010) nos apresenta um bom resumo do caráter ideológico do irracionalismo, que persegue o momento de decadência ideológica:

Em lugar do humanismo, surge ou um individualismo exacerbado que nega a sociabilidade do homem, ou a afirmação de que o homem é uma "coisa", ambas as posições levando a uma negação do momento (relativamente) criador da práxis humana; em lugar do historicismo, surge uma pseudo-historicidade subjetivista e abstrata, ou uma apologia da positividade, ambas transformando a história real (o processo de surgimento do novo) em algo "superficial" ou irracional; em lugar da razão dialética, que afirma a cognoscibilidade da essência contraditória do real, vemos o nascimento de um irracionalismo fundado na intuição arbitrária, ou um profundo agnosticismo decorrente da limitação da racionalidade às suas formas puramente intelectivas (Coutinho, 2010, p. 31).

Além de confundir objetividade com racionalidade europeia, essas vertentes tentam recuperar a ideia de sujeito e de humanismo de um caldo filosófico claramente anti-humanista e sem sujeitos. O que permanece nessas reflexões, para Kohan (2007) são os microrrelatos em que o mundo social se torna imagem e representação. Além disso, com a queda do Muro de Berlim, sobraria para a esquerda o desenvolvimento do ideário liberal no rumo de uma democratização radical e plural, em uma solução onírica de dissolução do poder do capital na pluralidade identitária "participativa" (Bensaïd, 2008).

Ativismo identitário

Embora aponte para uma leitura combativa e de valorização de minorias (situando-se à esquerda do espectro político), qualquer tentativa de caracterização coletiva mais ampla é vista como autoritária, pois retira o "lugar de fala". Tal fragmentação só fortalece o descentramento neoliberal pois não há a direção de construção de uma estratégia política comum em médio e longo prazo. Sem uma visão de organização coletiva que encontre entre as diferenças uma matriz particular de luta em comum, tais iniciativas só podem ter um sucesso reformista parcial no campo dos valores culturais que permanecem, ainda, delimitados pela lógica societária exploradora.

Lukács (2020) aponta que uma das principais determinações do irracionalismo é oferecer aos seres humanos um conforto nas concepções de mundo, propagando a ilusão de uma liberdade completa, uma miragem de independência para com os determinantes sociais. Fala muito de emancipação contra opressões, mas cala-se sobre o desemprego estrutural e a barbárie social em progressão geométrica gerada pelo capital em crise. Um legado histórico da crítica marxista é a de que "[...] a luta pela emancipação do proletariado constitui, sob o capitalismo, a mediação concreta da luta pela emancipação universal" (Bensaïd, 2008, p. 51).

Jodi Dean (2021) examina o ativismo de esquerda dos dias de hoje apontando duas tendências opostas, a de sobreviventes e sistemas. A primeira tem aparecido nas mídias sociais, nas redes ativistas e nos ambientes acadêmicos, enquanto a segunda foca nas complexidades vastas dos sistemas, concebendo-os como inalteráveis. Os sobreviventes recorrem a suas dores e traumas e lutam para garantir a sobrevivência de suas identidades. Já os sistemas não se importam com vidas humanas, consideram uma totalidade inerte como a resposta, mirando mais em "hiperobjetos" do que em pessoas, considerando-as até mesmo desnecessárias ou uma anomalia.

A oposição entre sobreviventes e sistemas nos proporciona uma esquerda desprovida de política. Ambas as tendências fazem que

a luta de classes – a disputa divisiva em torno de condições comuns em nome de um futuro igualitário emancipatório – se torne ininteligível (2021, p. 31).

A tendência sobrevivente, em sua matriz identitária, está presente na gramática contemporânea predominante do jornalismo ativista, tanto em suas reflexões acadêmicas quanto no léxico mobilizador de sua prática nas iniciativas independentes. Ela faz parte do capitalismo comunicativo, processo que circunscreve a hegemonia neoliberal de corrosão de instituições até então tidas como perenes e a ascensão das mídias sociais digitais perfiladas e a informatização ampliada da vida, em que os sintomas da instabilidade e a insegurança econômica passam a ser experienciados em larga escala.

Com o intuito de sobreviver, os sujeitos só podem contar com eles próprios. Para eles, "[...] a luta para sobreviver é uma característica-chave de uma identidade imaginada como dignificada e heroica porque precisa produzir a si mesma, por conta própria" (Dean, 2021, p. 30).

A fragmentação pós-moderna, em seu refúgio identitário, coroa-se na ideologia irracionalista que toma grande parte da mobilização por um jornalismo ativista (seja na teoria, seja na prática de constituição de pautas "progressistas"). Não obstante, mais do que ferramenta para combate radical às opressões, trata-se do fortalecimento de uma individualização mais alinhada a um tipo de neoliberalismo progressista. "As identidades aparecem como fenômenos evidentes, fixos, inequívocos e imutáveis. Os indivíduos são como pequenos Estados soberanos, defendendo seus territórios e unindo-se apenas sob os termos mais cautelosos e egoístas" (Dean, 2021, p. 38).

Mas o apego à identidade individual é expressão da incapacidade política, visto que apenas coletivamente é possível orientar ações e lutas. Resta a esse movimento se aproximar diuturnamente do liberalismo e evocar uma fetichizada democratização radical e plural, acreditando dissolver o poder explorador da estrutura do capital na miragem de sua pacificação no seio de uma justiça representacional (Bensaïd, 2008).

Setores dos movimentos sociais do espectro da esquerda perderam a capacidade de ler a divisão social como sintoma do sistema de metabolismo social do capital:

O capitalismo busca nos separar e individualizar, a fim de inculcar dentro de nós a convicção de que acima de tudo há o interesse próprio, que a liberdade decorre de escolhas individuais feitas visando a objetivos individuais. Ele oculta a determinação sistêmica por trás das escolhas e dos resultados, além de esconder o poder que os coletivos têm de romper com esses sistemas (Dean, 2022, p. 316).

O apagamento da organização coletiva e a fragmentação das lutas encontram um terreno fértil no pensamento do jornalismo subjetivista, que individualiza nos sobreviventes a tônica ativista. Mesmo que sejam demandas legítimas, sai do horizonte político transformações estruturais e sobram as demandas por reconhecimento e amparo, que longe de reformistas, buscam visibilidade cultural. O capitalismo comunicativo aparece como território privilegiado para que se domestique cada vez mais essas lutas cuja substantividade concreta perpassa o capitalismo patriarcal racista.

Marxismo e opressões

Almeida (2019, p. 9) sugere que a armadilha das identidades não está em levá-las em conta na análise, mas em enxergá-las como se fossem externas às determinações materiais da vida social. Delimitar uma sociedade de indivíduos (com suas expectativas e trajetórias singulares) não se distancia daquilo que a razão neoliberal busca sedimentar. Como diz Bensaïd (2008, p. 53), "[...] não se poderia lutar de maneira eficaz contra a opressão sem lutar também contra a exploração".

A ideologia irracionalista é mister em simular teoricamente a ruptura entre as esferas dos valores, das ideias e da subjetividade de sua determinação econômico-social, a qual é lastreada historicamente.

O tratamento das questões sociais abstraídas das questões econômicas constitui um falseamento da realidade social, um desmembramento conveniente na medida em que a raiz

da questão social é separada de seus efeitos [...] (Albinati, 2021, p. 455).

Em nome da espontaneidade e do respeito às histórias de vida, o ativismo jornalístico quer mirar nas apreensões de minorias seu certificado de clareza informativa, mas percebe-se que tal *práxis* noticiosa de guia identitária desconstrucionista “[...] se limita aos enquadramentos oferecidos pela sociabilidade hegemônica e termina por reproduzir as condições de isolamento e fragmentação nas quais se desenvolve” (Leal, 2018, p. 691).

A questão de gênero muito demarcada pela performatividade e hipóstase culturalista (Veiga, 2014) atrapalham a real percepção do problema.

Vivemos numa sociedade de classes e é evidente que se a opressão exercida sobre elas é universal e trans-histórica, atingindo todas as mulheres sem distinção de classe, etnia, credo ou geração, a opressão sobre aquelas de baixa renda, que trabalham dentro e fora de casa, tem um significado particularmente devastador (Pinassi, 2013, p. 99).

Assim, há possibilidades de leituras da questão de gênero fora das amarras irracionais de inspiração pós-estruturalista e pós-moderna. A chamada Teoria da Reprodução Social (Vogel, 2022), por exemplo, inspira-se na ideia de totalidade da dialética marxiana e tenta construir uma teoria unitária, que serve de importante guia para uma proposta feminista para os 99% (Arruzza; Battacharya; Fraser, 2019), fazendo coro com uma ideologia emancipatória que pode ser um bom eixo para “os pressupostos ideológicos e ontológicos” (Genro Filho, 2012) anteriores à produção noticiosa.

Há um extenso debate da década de 70 sobre os diversos feminismos que têm sido recuperados no século XXI. Vogel (2022) descortinou uma esfera até então negligenciada pelo marxismo, a reprodução social, articulando patriarcado e capitalismo em um amálgama entre opressão e exploração. A direção dessa investigação está em repensar o capitalismo pela dimensão do gênero, colocando sua análise no interior da contradição capital/trabalho. As investigações

enraizam a reflexão feminista nas determinações econômico-sociais. Há, portanto, uma base ontológica que unifica exploração e opressão, em que o capital surge como expressão dominante, na forma da luta de classes.

O alerta que a Teoria da Reprodução Social (TRS) traz é que uma cartografia das múltiplas determinações do real passa necessariamente pelo processo de produção e reprodução social no interior do metabolismo social do capital. Coloca-se em evidência na construção de um marxismo feminista e antirracista a compreensão de que a experiência social imediata passa sempre pela mediação com a sociedade e a história, está dialeticamente em relação com as práticas sociais delimitadas hegemonicamente em um contexto territorial e temporal, que em larga medida é organizado pela acumulação capitalista.

Wendy Goldman (2014) apresenta um importante estudo histórico de como no interior dos processos revolucionários da União Soviética foram colocadas em prática experiências de emancipação feminina e combate ao patriarcado. Entre a revolução bolchevique de 1917 até meados da década de 1930 foram capitaneadas medidas reais para o enfrentamento da contradição trabalho e família. O trabalho doméstico foi transferido para espaços públicos, em refeitórios, lavanderias e creches comunitárias, colocando as mulheres em pé de igualdade com os homens na condução da vida política e econômica. A família como célula capitalista da reprodução social foi definindo, no sentido de deixar em seu lugar “[...] indivíduos autônomos e iguais, livres para escolher seus parceiros com base no amor e respeito mútuos” (Goldman, 2014, p. 21). O legado histórico do feminismo de origem proletária, bem como os aprendizados acumulados nos avanços e recuos do laboratório histórico de enfrentamento do capital não podem ser abandonados nos debates sobre as opressões.

Não se poderia encontrar nenhum “espaço especial” para a emancipação das mulheres no referencial dessa ordem socioeconômica. Por isso, o “poder nas mãos das mulheres” teria de significar poder nas mãos de todos os seres humanos ou nada, exigindo o estabelecimento de uma ordem de produção e reprodução

sociometabólica alternativa radicalmente diferente, que abrangesse todo o quadro de referências e as “microestruturas” que constituem a sociedade (Mészáros, 2002, p. 287).

O combate ao racismo também pode ser direcionado por uma leitura anticapitalista, visto que há uma importante contribuição marxista para a questão racial. O debate sobre a negritude e o racismo também pode ser descortinado sustentado em uma investigação que não negue a razão dialética e a totalidade aberta (Kosik, 2002). Damasceno (2022) analisa densamente a escravização dos povos africanos e analisa a questão racial em um quadro teórico que evidencia os nexos entre racismo e capitalismo. Percebe de forma crítica as vantagens do racismo para o sistema, visto que a concorrência entre trabalhadores brancos e negros ajuda no rebaixamento das condições de vida da classe trabalhadora, ampliando a apropriação de mais-valor pela classe dominante. Ele vê, assim, o racismo como uma relação social conectada à concorrência econômica. O capitalismo seria assim incapaz de promover a plena reparação do povo negro. Na direção de Moura (2014), democratizar as relações raciais só é possível com a democratização das relações de produção. A incontabilidade do capital em seu impulso pela produção de concorrência são bases materiais do racismo.

Portanto, se é verdade que os movimentos negros não podem acabar com o capitalismo sem vincular sua luta à classe trabalhadora, também é verdadeiro que a classe trabalhadora é incapaz de se libertar do jugo da exploração sem um combate permanente à opressão racial. O racismo continua existindo, mesmo após o fim da escravidão negra, porque é extremamente útil à burguesia, seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista político (Damasceno, 2022, p. 263).

Ao rebaixar o valor da força de trabalho negra e esgarçar suas condições de vida digna, o capital pressiona o valor da força de trabalho de todo o conjunto da classe trabalhadora. Com o racismo, ela consegue destinar aos próprios trabalhadores conflitos que os separam, fazendo com que os trabalhadores brancos fantasiem sua superioridade, enquanto o verdadeiro antagonista histórico

de toda a classe permanece incólume.

Apontamentos finais

As reflexões desenvolvidas até aqui buscaram questionar o papel do jornalismo ativista de matriz subjetivista, demonstrando que há nele características do irracionalismo que empobrecem seu papel combativo em um contexto de crise social e ambiental de dimensões gravíssimas. O abandono de uma análise crítica das engrenagens do capitalismo contemporâneo, seguido da substituição da luta de classes por uma resistência identitária desconectada da estrutura social produtora de opressões, nublam a busca por um jornalismo realmente emancipatório. As orientações subjetivistas e identitárias do jornalismo ativista defendido hegemonicamente parecem ter uma relação de proximidade, mais ou menos reconhecida, com as engrenagens do sistema sociometabólico do capital.

Com isso, cria-se um abismo entre a realidade material objetiva e as apreensões subjetivas dos repórteres e ativistas. Apresentamos aqui outra perspectiva ontológica, voltada aos meandros que delimitam o ser social, no sentido de erguer de seus fundamentos uma epistemologia crítica e histórica, capaz de outra direção de compreensão do fenômeno em tela. Assim, na linha de Leal (2018), buscamos superar a errônea separação entre comunicação e estruturas materiais, visto que retira do horizonte dos “militantes” a necessidade de proposição de um projeto antissistêmico e “reduz a prática política à disputa – dentro das estruturas estabelecidas, por mais que isso não seja declarado – de narrativas, discursos e/ou posturas existenciais no mundo contemporâneo” (2018, p. 693).

A perda da razão e o apagamento da universalidade – rotulada de autoritária e europeia – faz com que a direção dessa modalidade de jornalismo ativista se refugie em uma ideia errônea do que seria a subjetividade, visto que a aparta de forma violenta da objetividade social. A racionalidade é vista aqui de forma dialética como atributo humano mobilizador da *práxis* social, eixo indispensável em projetos emancipatórios. Sem

bússola na névoa desconstrucionista, acredita-se que basta a intuição, o mito, a experiência sensorial, plasmada em corpos oprimidos, para que esse jornalismo conheça o real. Ele perde-se na aparência dos fenômenos, o que o torna incapaz, visto que fica sem ferramentas para alcançar outras possibilidades, de revelar a essência do mundo social.

A tarefa imediata é o enfrentamento das posturas adesistas e apologéticas do giro linguístico e do giro decolonial, reafirmando a materialidade social das opressões e seu vínculo unitário com a exploração capitalista no século XXI. Sem a superação da hegemonia acadêmica (mas também dos movimentos sociais) do léxico pós-moderno, a produção do jornalismo alternativo e ativista estará direcionada a transformações pontuais e imediatas cada vez mais absorvíveis pela lógica do metabolismo do capital. A ideologia empreendedora e individualista produzida como invólucro ideológico do capitalismo em sua dimensão financeirizada, dominante nas plataformas oligopólicas do Vale do Silício, penetra sorrateiramente nessas vertentes ditas progressistas. E o neoliberalismo enquanto expressão política e captura psíquica da subjetividade permanece intocado diante desse projeto militante.

Assim, o capitalismo comunicativo (Dean, 2022) consegue penetrar nesta concepção de jornalismo (irracionalista) por diversas vias, desde a atitude empreendedora exigida como saída financeira para a manutenção dessa prática, que alimenta um modelo de negócios refém de investimentos filantrópicos e das próprias plataformas, bem como a aproximação de uma concepção cada vez mais individualista e voltada para a singularização das demandas de reconhecimento. As opressões tornam-se mercadoria subjetiva que buscam valor na circulação de conteúdos monetizados nas redes sociais. A gramática arquitetada pelos algoritmos favorece esta vertente cultural de matriz identitária (apartada das estruturas sociais) e coloca essa aposta de renovação do jornalismo, pela via de um ativismo "sobrevivente", nas tramas das redes neoliberais progressistas, expressão simbólica do capitalismo financeiro

que comanda as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Nesse sentido, torna-se urgente para os movimentos progressistas a recuperação da crítica ontológica marxiana, bem como a aproximação com o método dialético legado pelo materialismo histórico. Este, permanece mais atual do que nunca e pode contribuir para não só uma melhor compreensão da análise concreta da situação concreta do todo social, mas também como motivador de uma *práxis* realista que seja capaz de deter a marcha incessante da catástrofe produzida pelo sistema incontável do capital. O jornalismo enquanto conhecimento transformador pode contribuir concretamente para a realização processual dessa tarefa indispensável.

Referências

- ALBINATI, Ana Selva. Por que ler hoje A destruição da razão? Verinotio, Rio das Ostras, v. 27, n. 1, p. 452-456, jan./jun. 2021.
- ALMEIDA, Silvio. Prefácio. In: HAIDER, Asad. Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Venetta, 2019.
- ARRUZZA, Cinzia; BATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. Feminismo para os 99%: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BENSAID, Daniel. Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- CANNALONGA, Francisco Malê Vettorazzo. Lukács e o estatuto ontológico do irracionalismo filosófico. In: Anuário Lukács 2022. São Paulo: Instituto Lukács, 2022.
- COUTINHO, Carlos Nelson. O estruturalismo e a miséria da razão. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- DAMASCENO, Wagner Miquéias. Racismo, escravidão e capitalismo no Brasil. Bauru (SP): Editora Mireveja, 2022.
- DEAN, Jodi. Camarada: um ensaio sobre pertencimento político. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DEAN, Jodi. Capitalismo comunicativo e luta de classes. Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia. Is. IJ, v. 0, n. 61, p. 115-138, 2021. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46542>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- DEAN, Jodi. Multidões e partido. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.
- EAGLETON, Terry. Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FOSTER, John Bellamy. O novo irracionalismo. Tradução de Débora Cunha. In: Leia Marxistas. Is. IJ, 3 maio 2023. Publicado originalmente em Monthly Review em 1º de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://leiamarxistas.medium.com/o-novo-irracionalismo-par-te-1-22137b3e633e>. Acesso em: 8 ago. 2024.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GOLDMAN, Wendy. Mulher, estado e revolução. São Paulo: Boitempo, 2014.

HARVEY, David. 17 contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

HOLZ, Hans Heinz. György Lukács e o problema do irracionalismo. Verinotio, Rio das Ostras, v. 27, n. 1, p. 125-145, jan./jun. 2021.

IANNI, Octavio. A sociedade mundial e o retorno da grande teoria. In: LOPES, Maria Immacolata (org.). Epistemologia da comunicação. São Paulo: Loyola, 2003.

KOHAN, Néstor. A herança do fetichismo e o desafio da hegemonia em uma época de rebelião. Revista Novos Rumos, Is. IJ, ano 22, n. 48, 2007.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LEAL, Leila. Ideology, Alienation and Reification: concepts for a Radical Theory of Communication in Contemporary Capitalism. Triple C, Is. IJ, v. 16, n. 2, 2018.

LUKÁCS, György. A destruição da razão. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

LUKÁCS, György. Para uma ontologia do ser social I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MORAES, Fabiana. A pauta é uma arma de combate. Porto Alegre: Arquipelago, 2022.

MOURA, Clovis. Dialética radical do Brasil negro. São Paulo: Fundação Maurício Grabois: Anita Garibaldi, 2014.

NETTO, José Paulo. Posfácio. In: COUTINHO, C. N. O estruturalismo e a miséria da razão. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 233-286.

PINASSI, Maria Orlanda. Da miséria ideológica à crise do capital: uma reconciliação histórica. São Paulo: Boitempo, 2009.

PINASSI, Maria Orlanda. Nas sombras do obscurantismo: mulheres, política e religião. Margem Esquerda. São Paulo: Boitempo, 2013. n. 20.

WOOD, Ellen Meiksins. Em defesa da História: o marxismo e a agenda pós-moderna. Crítica Marxista, São Paulo, v. 1, n. 3, p.118-127, 1996.

VEIGA, Marcia. Masculino, o gênero do jornalismo: Modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

VOGEL, Lise. Marxismo e a opressão às mulheres rumo a uma teoria unitária. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

Rafael Bellan Rodrigues de Souza

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), SP, Brasil, com estágio pós-doutoral na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Professor adjunto do curso de Jornalismo, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória, ES, Brasil.

Endereço para correspondência

Rafael Bellan Rodrigues de Souza

Av. Anísio Fernandes Coelho, 856, apto. 303

Jardim da Penha, 29060-670

Vitória, ES, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.